

20. Barreiras à esperança: a murmuração

Se a esperança é tudo isso, se é esse dom de viver esperando tudo do Pai com confiança, por que tantas vezes nos falta a esperança, por que não vivemos sempre nela? A fé pode ser difícil de aceitar; a caridade pode ser difícil de viver. Mas a esperança, por que nos é difícil acolhê-la como respiro de vida, como horizonte, como relação com Deus? O que se opõe em nós à esperança? O que revela de nós a esperança? Do que devemos sempre nos converter, nos purificar?

Gostaria de destacar algumas atitudes que em nós se opõem à esperança.

A primeira é a lamentação, a murmuração. São Bento adverte constantemente contra a murmuração (cf. RB 4, 39; 5, 17-19; 34, 6; 35, 13; 40, 9; 41, 5; 53, 18). A lamentação, embora muitas vezes justificada, esquece que nós seguimos uma vocação, vivemos em comunidade, temos superiores etc., não em virtude de um projeto, mas de uma esperança. O projeto, ainda que espiritual, ainda que evangélico, mais cedo ou mais tarde degenera em um projeto de poder, em um desejo de conquistar um poder, e depois na decepção de não possuí-lo como gostaríamos. O projeto se torna, frequentemente, uma pretensão sobre si mesmo e sobre os outros que, cedo ou tarde, é frustrada. No fundo, ficamos desiludidos porque estamos cheios de expectativas em relação a nós mesmos ou aos outros, ou às circunstâncias, e por isso não esperamos mais em Deus. Como já destaquei: esperamos o infinito do que é finito, ao invés de esperarmos do Senhor e no Senhor. É como quando, atravessando o lago em um barco, os apóstolos percebem que não levaram consigo uma reserva suficiente de pão (cf. Mc 8, 14-21). Certamente, isso os deixa ansiosos, pois têm medo de ficar sem o que comer, de passar um pouco de fome. Talvez tenham levado todo o resto, mas como o resto são alimentos que têm de ser consumidos com o pão, por exemplo, azeite e sal, é como se lhes faltasse tudo. Sei por experiência própria que a gente sempre esquece alguma coisa quando parte em viagem, mas existem esquecimentos que tornam inútil até mesmo tudo o que nos recordamos de levar. Por exemplo, se se esquece o passaporte. Aí a pessoa começa a queixar-se, a murmurar. É provável que um dos discípulos era o encarregado naquele dia de providenciar o pão, e então talvez eles comecem a murmurar contra esse seu irmão. É possível que estivessem dizendo a si mesmos: “Não se pode jamais confiar naquele ali. O Mestre deveria encarregar disso um outro, um que fosse mais esperto e menos distraído!”, e assim talvez murmurassem também contra Jesus.

Não estou fazendo uma caricatura daquilo que pensaram ou disseram uns aos outros os discípulos, visto que essas são coisas que se renovam constantemente entre nós, na vida de cada comunidade, de cada família, de cada grupo de amigos ou colegas. Lamentamo-nos porque não obtemos, de nós mesmos, dos outros, da realidade e, em última análise, de Deus, aquilo que pretendemos de imediato, algo que nos satisfaça e tranquilize imediatamente, como o pão que queremos comer hoje.

Jesus se irrita com os discípulos por essa sua preocupação, por esse medo de não ter o suficiente. Ele os ajuda a se lembrarem: “Por que discutis por não terdes pão?

Ainda não tendes refletido nem compreendido? Tendes, pois, o coração insensível? Tendo olhos, não vedes? E tendo ouvidos, não ouvís? Não vos lembrais mais? Ao partir eu os cinco pães entre os cinco mil, quantos cestos recolhestes cheios de pedaços?’. Responderam-lhe: ‘Doze’. ‘E quando eu parti os sete pães entre os quatro mil homens, quantos cestos de pedaços levantastes?’ ‘Sete’ – responderam-lhe. Jesus disse-lhes: ‘Como é que ainda não entendeis?’” (Mc 8, 17-21).

No fundo, somos tão caprichosos quanto as crianças. Não ceder sempre e logo aos caprichos das crianças é uma educação à esperança. O homem é instintivamente caprichoso, mas se aprende a enfrentar a carência, seu coração amadurece, sua liberdade cresce, seu relacionamento consigo mesmo, com os outros, com a realidade e com Deus se torna cada vez mais livre, maduro, capaz de esperar, de ter paciência. A paciência é a virtude mais característica da maturidade humana e cristã. O homem paciente espera sem exigir e, acima de tudo, sem se queixar. O homem paciente se mantém sempre pronto para receber como dom tudo aquilo que todos gostariam de tomar como algo devido.

Naquele dia, os discípulos que estavam no barco no fundo sentiam que o pão lhes era devido, pois se afadigavam muito seguindo Jesus, remando de uma margem à outra do lago segundo suas ordens, e depois passando horas e horas no meio da multidão que seguia e escutava o Senhor. Eles não tinham tempo para comer, dormir, ocupar-se com nada além de Jesus e da multidão. É como se naquele dia eles tivessem dito a si mesmos: “Bem, pelo menos um pouco de pão nós merecemos! A gente deixou tudo por Ele; que pelo menos Ele não nos deixe morrer de fome!”

Essa impaciência, como diz Jesus, endurecia o seu coração e fechava seus olhos e ouvidos. Pois bloqueavam seus pensamentos e sentimentos dentro de si mesmos. Não pensavam mais nem mesmo em Jesus, nos muitos milagres, como a multiplicação dos pães e dos peixes. Não definiam mais suas vidas a partir de um relacionamento com o Pai.

A paciência cristã não é uma virtude estoica, de pessoas fortes e duras. É, pelo contrário, a virtude dos mansos e humildes de coração que, mesmo no momento da carência, mesmo no momento da privação mais injusta, sabem que da vida podemos esperar muito mais do que a satisfação imediata e imanente. No espaço que a paciência se recusa a preencher com o lamento e a acusação dos outros, cria-se uma expectativa que somente Deus consegue preencher, que somente Deus em Cristo veio preencher sem medida com o dom de si mesmo, com o sacrifício de si mesmo que o torna para nós Pão vivo, Corpo oferecido e Sangue derramado, Eucaristia.